

## **Tematizando o skate no Ensino Médio em contexto pandêmico**

André Marchesi Berselli

A tematização relatada deu-se em uma unidade do Sesi-SP, situada em Campinas, cidade do interior paulista. Grande parte dos estudantes ingressa apenas no Ensino Médio com o objetivo de cursar simultaneamente o ensino regular e o técnico, e assim ingressar no mercado de trabalho em uma posição mais vantajosa. A experiência a seguir transcorreu com as seis turmas do 2º ano do Ensino Médio durante o primeiro semestre letivo de 2021, ano marcado pela continuidade da pandemia de Covid-19.

O primeiro contato com os alunos deu-se de forma síncrona pela plataforma Teams da Microsoft quando explicamos as mudanças previstas, considerando que 2020 a interação fora exclusivamente remota. O ensino híbrido se iniciaria na segunda semana de aulas, apenas para os estudantes que optassem pelo formato com a devida autorização de seus responsáveis. Para a postagem semanal das atividades, docentes e discentes utilizavam o site Conexão Digital.

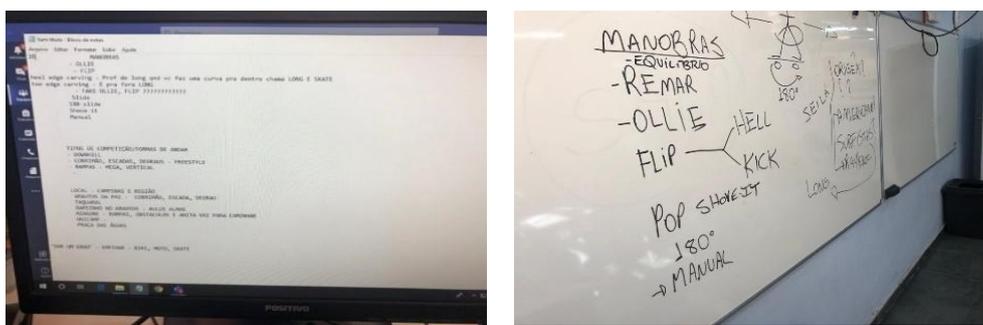
Iniciando o ano, planejamos começar as aulas com as turmas de forma a conhecê-los minimamente. As aulas eram dobradas, duas aulas semanais de cinquenta minutos em sequência. No primeiro dia compartilhei minhas experiências como professor de Educação Física e busquei, recorrendo ao expediente denominado “avaliação diagnóstica” pela gestão escolar, identificar características do grupo, seus gostos, expectativas em relação às aulas do componente e temas acessados nos anos anteriores. Somente um aluno das seis turmas abriu a câmera.

O skate chamou a atenção logo de cara, por ter sido citado em diferentes turmas e por ser algo que eles gostariam de estudar. Embora se tratasse de uma prática corporal comum entre os estudantes, reagiram com surpresa quando questionados sobre o que pensavam de abordar o assunto naquele semestre. Uma aluna disse que um professor de sua antiga escola andava de skate e levou essa prática para as aulas. Em que pese a ausência do skate na escola, no livro de orientações didáticas formulado pela rede e distribuído aos professores, o skate é citado como prática corporal passível de tematização.

Na aula seguinte perguntamos o que sabiam sobre o skate, o que pensavam sobre skatistas, qual o interesse naquela prática e, na sequência organizamos a assistência de vídeos previamente selecionados com imagens de diferentes praticantes, situações de ocorrência da prática corporal e uma reportagem sobre o aumento da venda de skates. Das conversas desta primeira aula surgiram caminhos possíveis para a tematização.

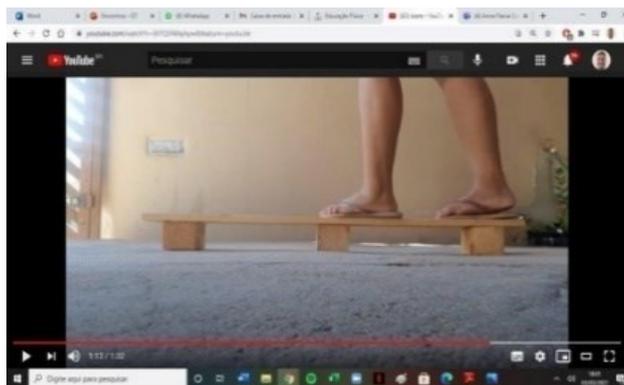
Anunciamos que na semana seguinte iniciariamos as atividades com os skates. Pedimos aos alunos que participavam presencialmente para trazer seus skates à escola. Uma estudante disse que traria um skate de outro tipo, o *waveboard*; outro falou que traria um *longboard*; uma aluna perguntou se poderia trazer os patins. Não faltaram reações de espanto – “pera, a gente vai andar mesmo de skate na escola?” – acompanhadas de manifestações sobre a maioria das aulas que tiveram até então tratavam de esportes, por isso, achavam estranho deixarem andar de skate na escola. Ao fim e ao cabo, tínhamos sete skates à disposição.

Propusemos pesquisas de vídeos e imagens das manobras citadas nas conversas iniciais, além de características dos locais onde pessoas andam de skate. A fim de facilitar a participação daqueles que estavam em suas casas, usamos o recurso de bloco de notas da plataforma adotada pela escola e compartilhamos a página na tela projetada na lousa para os alunos do presencial e no aplicativo de chamada de vídeo para os alunos do remoto.



Resultado das pesquisas

Indagamos o pessoal que estava em casa a respeito das possibilidades de andar de skate. Responderam que poderiam tentar se equilibrar em algo; usar uma tábua com garrafa de água embaixo conforme viram na internet; descer um morro com papelão ou jogar algum jogo de skate no videogame. Anotamos as respostas e pedimos para que aqueles que pudessem e quisessem tentar, enviassem registros de suas experiências. Apresentamos o vídeo [Como andar de skate em casa](#) sugerido por um aluno. Muitos enviaram relatos escritos e uma aluna enviou um vídeo postado no YouTube, que mostrava suas tentativas de equilibrar-se em cima de uma tábua de um pallet:



Experimentação em casa

Com a parcela da turma que frequentava as aulas presenciais, combinamos a utilização de diferentes espaços, como ginásio e quadra. Seguindo os protocolos sanitários impostos pela pandemia, reforçamos a importância da higienização com álcool em gel das mãos e materiais, tanto no começo quanto ao final das aulas. Eles começaram a explorar, andar, subir no skate de diferentes formas, quase sempre em duplas, para auxiliar no equilíbrio. Em certos grupos, todos tentavam essas formas de exploração, em outros, alguns se negavam a subir ou preferiam observar em um primeiro momento, por medo ou experiências prévias negativas, e depois tentavam ou, se acaso quisessem, auxiliavam os demais ou fotografavam as experimentações conforme o pedido do professor.



Flagrantes das experimentações

Na semana seguinte deu-se um momento de diálogo bem produtivo sobre as experiências iniciais, a melhor forma de andar, outros nomes de manobras e modalidades de skate que eles encontraram em suas pesquisas. Percebendo que a maioria das falas se referiu à pessoa que anda de skate, provocamos: “o que vem à cabeça de vocês quando ouvem a palavra skatista?” As reações variaram: “estilo street wear; roupa larga e escura; usa All Star, Vans; magrelo; cabelo grande; radicais; estilo Indie; ouve Charlie Brown, raps e traps; estilo grunge; parece que não dorme há três dias; fuma uma”.

Preparamos uma apresentação baseada em fotos, vídeos e notícias veiculadas na internet com skatistas diferentes: meninas, bebês, velhos, pessoas com obesidade, deficiências física e visual. Mostramos todos esses arquivos enquanto comentávamos sobre os materiais, solicitando aos alunos atenção aos detalhes, corpos, sons, roupas. “O que chamou sua atenção nas imagens e vídeos da aula? As imagens e vídeos mostram coisas diferentes daquelas que vocês pensavam ou imaginavam serem skatistas? Após ouvir alguns comentários, questionamos: por que limitamos o ser skatista àquelas definições?”.

Discutimos esses pontos em aula híbrida, anotamos o que foi dito e pedimos que fizessem o mesmo na plataforma digital.

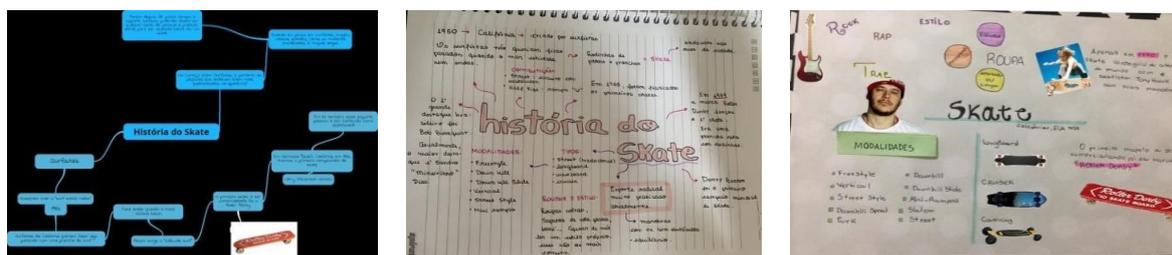
A diversidade foi o que mais me chamou atenção, porque ao falar em skatistas o que vinha na minha cabeça de fato era aquele típico estereótipo [...], mas com os vídeos e a discussão eu pude perceber que de fato não é nem perto disso (Estudante do 2º EM).

Voltando à execução, propusemos àqueles que já andavam que tentassem algumas manobras daquelas citadas em sala. Inclusive, um aluno se dispôs a ensinar o *ollie* aos colegas. Perguntamos como faríamos para ajudar os colegas com dificuldades sem nos tocar, devido ao protocolo de segurança contra Covid-19. Um aluno comentou sobre apoiar em alguma parede, dando início a tentativas desse modo. Para apoiar o deslocamento no skate, sugeri a utilização de tacos de béis e pequenos dardos de borracha do atletismo. Formaram duplas, enquanto um ficava fora do skate o colega subia e se equilibrava. Outros tentaram andar sentados e decidiram apostar corridas. Um deles, que já andava há mais tempo, colocou um skate sobre o outro, andando sobre os dois. Além disso, pegaram um banco sueco e se equilibraram. Um dos espaços do ginásio possui uma pequena rampa de madeira para facilitar a mobilidade das pessoas. Um dos alunos perguntou se poderia tentar descer como se fosse uma rampa para skate. Depois dele, outros também tentaram. A aluna que perguntara no início dos trabalhos se poderia levar seus patins, não só levou o equipamento como compartilhou-o com as colegas.



Flagrantes das experimentações

Como as atividades presenciais foram interrompidas temporariamente em função de uma “segunda onda” de casos de Covid-19, aproveitamos para retomar a questão dos skatistas. Pedi que refletissem sobre as razões de criarmos estereótipos, de onde vinham essas ideias sobre skatistas e sobre a importância de buscarmos sempre mais informações e diálogos com pessoas diferentes. Expliquei que as características sobre uma prática e seus praticantes foram se naturalizando, e que isso teria relação com os momentos históricos e com os locais que esses praticantes estavam. Sugeri investigarmos a história do skate em busca de respostas e inserirmos as respostas na plataforma a fim de criar um “mapa” com os resultados.

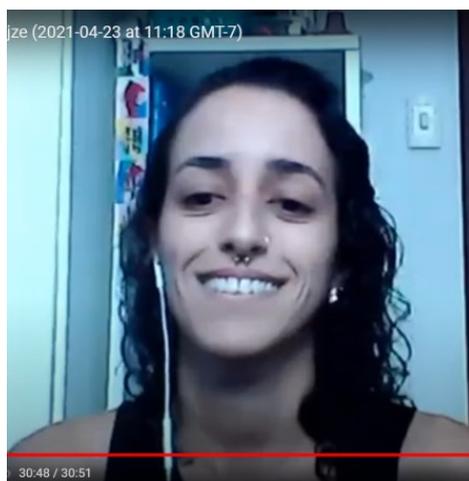


Mapas elaborados pelos estudantes

Aproveitamos para assistir a um documentário indicado por uma aluna, o [\*Dirty Money: uma geração que transformou o skate no Brasil\*](#). Na mesma semana, com o agravamento da “segunda onda” de Covid-19, muitos ficaram emocionalmente abalados. Em meio às incertezas, as aulas cessaram por quinze dias, retornando exclusivamente no modo remoto, quando conversamos sobre o percurso realizado até a parada e como poderíamos prosseguir. Para além da recuperação oral do trabalho efetivado, também anotamos os assuntos tratados em forma de tópicos com o recurso da ferramenta digital. Perguntamos sobre a possibilidade de entrevistarmos alguém que andasse de skate e pudesse compartilhar suas experiências e pensamentos a respeito de tudo o que estudáramos.

Eu disse que conhecia uma professora que andava de *longboard* há muitos anos. Naquele instante, um aluno que gosta de andar de *long* escreveu “nossa, que raro” no *chat*, “difícil encontrar uma mulher que anda de *long*”. Uma aluna escreveu que seria interessante conversar com ela. O convite para uma entrevista foi aceito rapidamente. Para tanto, teríamos que preparar as perguntas. Reuni o que foi encaminhado pelas turmas e enviei para ela. Gentilmente, ela gravou um vídeo que foi disponibilizado na plataforma. Os estudantes deveriam assisti-lo e redigir comentários com as suas impressões. Na leitura, chamou a atenção o fato de muitas meninas desconhecerem a participação feminina no skate.

Eu gostei muito da entrevista, acho que nos permitiu entender um pouco mais, principalmente como é ser uma mulher no mundo do skate, mas o ponto que mais me chamou atenção é o fato de que quando ela era criança ela fazia balé, porque era algo que agradava seus pais e ela seguiu bastante tempo nisso, mas achei uma mudança bem radical porque ela disse se não me engano que entre os 15 e 16 anos, ela começou a se identificar com o skate que, se pararmos para analisar, é totalmente o oposto de tudo que o balé proporciona. (Estudante do 2º EM)



Frame da entrevista

Dando continuidade, propusemos uma atividade em grupo que consistiu na produção de materiais de livre escolha que pudesse ser compartilhado, acerca de um dos temas abordados naquele período letivo. Surgiram: a participação e empoderamento feminino; manobras, modalidades e tipos de skate; skatistas famosos; preconceitos relacionados à prática do skate; estilos de música e cantores que compõem a cultura do skate/skatista; equipamentos de proteção; dicas para começar a andar; customização do skate; relação do skate com o surf; estilos de se vestir em diferentes décadas.



## Estilo dos skatistas ao longo das décadas

██████████ - N°26  
██████████ - N°31



Frames dos vídeos encaminhados

Posteriormente às apresentações dos trabalhos, ponderamos sobre a continuidade da tematização de skate. Resolvemos ter um momento de reflexão escrita, na qual deveriam analisar como fora o trabalho até aqui.

Nós estudamos muito sobre o skate, [...] trabalhamos bastante para chegar a um resultado que inicialmente parecia ser bem simples. “O skate é pra todos?”. No início esta parecia ser uma resposta um tanto quanto simples, “não, apenas para os skatistas”, mas quando começamos a descobrir quem eram os skatistas vimos que não se tem idade, cor, gênero, nacionalidade ou qualquer outra coisa que te impeça de ser skatista, qualquer pessoa pode ser skatista. [...] ela está livre pra seguir o caminho que quiser e aprender a andar. Também vimos como começar a andar de skate e também se essa pratica pode ser aprendida de maneira simples ou demora muito. Vimos também se existe machismo

nessa área por ser de grande parte um esporte praticado por homens. Por fim vimos as modalidades que existem dentro desse esporte e vimos se é uma boa ideia introduzir o skate nas olimpíadas, tudo isso pode ser observado nesses últimos meses. Creio que aprendemos muito e talvez alguns alunos mudaram de opinião e queiram introduzir a prática do skate em seu cotidiano. [...] Dessa forma, os relatos vistos em aula quebram todos os estereótipos que tinham na minha cabeça. Ainda mais que durante a entrevista com a skatista entramos em contato com uma professora e bailarina clássica, que andava de skate dentro da faculdade. Ainda convém lembrar sobre os trabalhos em grupos com o objetivo de pesquisar e trazer mais pontos interessante do skate para a aula, no qual foi muito legal poder desenvolver uma apresentação com o conteúdo que escolhemos e mais nos identificamos. Houve também, o mapa mental, que tornou a aula mais dinâmica do que somente o professor explicando sobre a história do skate em uma aula expositiva. Por fim, o documentário “Dirty Money” nos mostrou mais pontos desconhecidos sobre o skate, como a influência do fim da ditadura militar, os primeiros patrocínios e os campeonatos como fonte de renda, e o período de crise econômica brasileira, que diminuiu muito os campeonatos e o skate como trabalho. (Estudante do 2º EM)

Após ler e comentar todas as reflexões postadas na plataforma, iniciamos um diálogo sobre os gêneros musicais de *rap* e *trap*, mencionados nos vídeos pesquisados e nos materiais produzidos pela turma, na expectativa de abrir as portas para outra tematização.